

Cidadania e mídia na perspectiva de Néstor García Canclini¹

Citizenship and media from the perspective of Néstor García Canclini

Ciudadanía y medios de comunicación en la perspectiva Néstor García Canclini

Ana Manuela Arantes²
(anamanuarantes@gmail.com)

Simone Antoniaci Tuzzo³
(simonetuzzo@hotmail.com)

<http://dx.doi.org/10.5216/cei.v1i1.31208>

Resumo

Este estudo propõe a análise da noção de cidadania e a influência da mídia para construção desse conceito, a partir da revisão de obras do filósofo Néstor García Canclini. Por meio de análise bibliográfica, são revistas as concepções do autor sobre culturas híbridas em contexto dos países da América Latina. Também são consideradas a análise do consumo como forma de repensar o sentido social, os componentes heterogêneos das cidades globalizadas e a proposta da reelaboração de políticas que visem o interesse público.

Palavras-chave: Cidadania. Mídia. Hibridação. Consumo. Políticas Culturais.

Abstract

This study proposes an analysis of the concept of citizenship and the influence of media to construction of this concept, from the review of works of the philosopher Néstor García Canclini. Through bibliographical analysis, were evaluated the conceptions of the author about hybrid cultures in the context of the countries of Latin America. Are also considered the analysis of consumption as a way to rethink the social sense, heterogeneous components of globalized cities and the proposal of revision of policies aimed at the public interest.

Keywords: Citizenship. Media. Hybridization. Consumption. Cultural Policies.

Resumen

Este estudio propone el análisis del concepto de ciudadanía y la influencia de los medios para construir ese concepto, a partir de la revisión de obras del filósofo Néstor García Canclini. Por medio de este análisis bibliográfico, son revisadas las concepciones del autor sobre las culturas híbridas en contexto de los países de América Latina. También son considerados los análisis del consumo, como son replanteados los sentidos sociales, los componentes heterogêneos de las ciudades globalizadas y la propuesta de reelaboración de políticas que tienen como objetivo el interés público.

Palabras clave: Ciudadanía. Medios. Hibridación. Consumo. Políticas Culturales.

¹ Este trabalho foi desenvolvido dentro do Projeto de Pesquisa Rupturas Metodológicas para uma leitura crítica da Mídia entre os Programas de Pós-Graduação da UFG e UFRJ, que integra a ação transversal nº 06/2011 - Casadinho/Procad.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: anamanuarantes@gmail.com

³ Doutora em Comunicação pela UFRJ, Mestre e Graduada em Comunicação pela UMEESP, Coordenadora do Projeto de Pesquisa Rupturas Metodológicas para uma leitura crítica da Mídia entre os Programas de Pós-Graduação da UFG e UFRJ, que integra a ação transversal nº 06/2011 - Casadinho/Procad. Professora e Orientadora do Trabalho. E-mail: simonetuzzo@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Utilizar as definições encontradas nas obras de Néstor García Canclini que refletem o exercício da cidadania é de extrema relevância para a contextualização das sociedades globalizadas e multiculturais da América Latina. Mais do que isso, os apontamentos de Canclini são essenciais para a elaboração de políticas que abandonem a visão homogênea da sociedade e aproveitem ferramentas, como as oferecidas por meios de comunicação, para que possam promover a cidadania.

Saber a origem do autor também é relevante para entender sua preocupação com as culturas da América Latina. Néstor García Canclini é um antropólogo argentino (La Plata, Argentina, 1939), doutor em Filosofia pela Universidade de Paris e de La Plata. Já foi professor das universidades de Austin, Duke, Stanford, Barcelona, Buenos Aires e São Paulo e desde 1990 é professor da Universidad Autónoma Metropolitana no México, onde está radicado.

Estudioso da globalização e das mudanças culturais na América Latina, seu trabalho é marcado pela análise e as mesclas entre culturas, etnias, referências midiáticas, populares e tradicionais. Também foca em sua pesquisa a relação entre estética, arte, antropologia, estratégias criativas e redes culturais.

Um dos destaques das reflexões de Canclini é sua preocupação em utilizar para análise das sociedades latino-americanas estudos interculturais e interdisciplinares. Na concepção do autor, a visão unitária da antropologia, sociologia ou mesmo de estudos de comunicação é insuficiente para observar o multiculturalismo.

O autor também situa a crise da modernidade a partir da análise das culturas, que de forma não coerente com o contexto social, utiliza pares antagônicos, como homogêneo e hegemônico ou tradicional e moderno. Em sua visão, as novas modalidades de organização da cultura na pós-modernidade de hibridação das tradições de classes, etnias e nações, requerem outros instrumentos conceituais.

Nesse sentido, a discussão dos temas que Canclini aborda é ampliada se levada em consideração a perspectiva pluralista que admite a fragmentação e as fusões entre tradições, modernidade e pós-modernidade. Mas o autor também não aplica uma saída simples e única para que essa exista essa composição sugerida.

A afirmação do regional ou do nacional não tem sentido nem eficácia com condenação geral do exógeno: deve ser concebida agora com a capacidade de interagir com as múltiplas ofertas simbólicas internacionais a partir de posições próprias. Nesta época em que a história se move em muitas direções, toda conclusão está atravessada pela incerteza. Conhecimentos mais refinados desembocam em decisões precárias sobre como entrar ou sair da modernidade, onde investir, como investir, como relacionar a cultura com o poder (CANCLINI, 2011, p.354).

Essas considerações são apenas os primeiros passos que o autor aponta como formas de estudar a complexidade cultural em âmbito latino-americano. As transformações percebidas por Canclini implicam a necessidade de voltar os olhares, tanto de organismos públicos, como da sociedade civil, para interesses que reflitam as relações de multiculturalismo.

1 CULTURAS HÍBRIDAS

A hibridação é um termo bastante utilizado nos textos de Néstor Canclini para tratar sobre as diversas formas de cultura presentes na América Latina. É usado ainda para apontar como os estudos sobre identidade, desigualdade, multiculturalismo, entre outros conceitos sofrem alteração a partir da perspectiva da hibridação.

Para tratar sobre hibridez, o autor procura fugir do senso comum que entende o termo apenas como a mera fusão de elementos para criar uma unidade. Também distingue seus estudos das definições da Biologia e foca suas definições em olhares das Ciências Sociais.

Para Canclini, nos processos de hibridação, durante a fusão, existem sim contradições, formas de conflitos geradas pela interculturalidade, e isso tem seu aspecto positivo para a formação de uma sociedade.

Mesmo que ocorra de forma não voluntária, práticas sociais que se fundem, acabam por gerar novas estruturas, novas práticas, se reconvertem. Um exemplo de significado cultural dessa reconversão é quando um camponês modifica seu artesanato a usos modernos para interessar compradores urbanos (CANCLINI, 2011, p. XXII).

Diante desses processos de hibridação, que são constantes em época de globalização, a noção de identidade não deve ser tratada com pretensões de “pureza”, “autenticidade”, pois isto significaria uma fuga da maneira de como realmente, por meio de misturas, as identidades culturais são formadas.

A visão de Canclini de que a identidade deve ser tratada de forma relativa, apontando as diversidades, e não minimizando o termo apenas ao igual, ao que é comum a todos, é uma das maneiras de enxergar a defesa do exercício da cidadania nos textos do autor, uma vez que se é

levado em consideração a essência do indivíduo inserido em uma sociedade heterogênea e formada por processos de hibridação interculturais.

Stuart Hall é um autor que corrobora com o que Canclini afirma sobre hibridação, ao tratar em seus estudos sobre tradução cultural, em contextos de migração. Para Hall, haveria processo de negociação entre novas e antigas matrizes culturais, quando migrantes têm diante de si uma cultura que não as assimila e, ao mesmo tempo, não perdem completamente suas identidades originárias. Entretanto, precisam dialogar constantemente com as duas realidades (HALL, 2000, p. 88-89).

Já em aspecto mais amplo da hibridação e abordando o envolvimento com as mídias, Canclini acredita que setores de conhecimento, como a antropologia, história e arte, unem-se em sintonia com as tecnologias comunicacionais. Essa fusão pode ser percebida, por exemplo, na mistura entre o erudito e o popular, com a formação de nova concepção de seus conceitos.

Nesse sentido, Canclini propõe a discussão sobre o que é popular e como esse termo tem sido tratado de maneira distorcida. O autor espera que os estudos de cultura popular possam ser reavaliados, desconstruindo divisões, por exemplo, entre o que é erudito e popular, ou tradicional moderno. Canclini ressalta que válido seria investigar o hibridismo destes conceitos, o que os origina, uma vez que considera que as próprias culturas populares são prósperas e ao mesmo tempo híbridas.

Para compreender os sentidos da cultura popular ainda seria preciso desconsiderar as abordagens que a vê centrada unicamente como expressão da personalidade de um povo, ou a abordagem que trata o popular apenas como o que é folclórico. Nessa perspectiva, o popular seria entendido mais como algo construído, do que preexistente.

Situação que o filósofo critica por considerar que não é levado em consideração o fato de que o popular não seria concentrado em objetos ou práticas sociais imutáveis. Para ele, as mudanças de significados, resultantes de interações, que são importantes para análise.

Apegando-se a essa perspectiva, Canclini critica a forma como os veículos de comunicação utilizam a cultura popular sem interesse em preservar tradições, mas sim preocupados com a adaptação ao mercado, ao que é relevante para a indústria cultural. Ao invés de popular, para a mídia a palavra popularidade teria melhor adequação. “O popular não consiste no que o povo é ou tem, mas no que é acessível para ele, no que gosta, no que merece sua adesão ou usa com frequência” (CANCLINI, 2011, p.261).

Na mesma perspectiva de Canclini, o antropólogo José Jorge de Carvalho acredita que, diante das tradições, a mídia só se interessa pela participação fugaz do que pode ser noticiado. “É

basicamente a experiência do transitório: ajuda as pessoas, numa vida cada vez mais acelerada e cambiante, tal como é o caso na moderna urbe industrial, a se livrar do peso e da responsabilidade da memória” (CARVALHO, 1989, p.22).

Diante dessas considerações, a alerta de Canclini, mesmo que implícita, sobre exercício da cidadania, é que há preocupação mínima em reconstruir a noção de popular a partir da essência multicultural. De acordo com o filósofo, de maneira generalizada os folcloristas estão preocupados apenas com o resgate do popular.

Já os comunicólogos querem apenas difundir-lo, enquanto os políticos buscam apenas mostrar que podem “defender” o que consideram como povo. Poucos estudos procuram entender os processos de integração que ocorre em culturas populares.

Em síntese, Canclini expõe a crise da modernidade e das tradições, em que o moderno se fragmenta e se mistura com novas práticas sociais. Para o autor, não existe um caminho ascendente para a cultura, quando certas práticas poderiam ser superiores a outras. Mas o que existe é uma reformulação de capitais simbólicos, vinda de fusões, cruzamentos e intercâmbios.

2 CONSUMO SERVE PARA PENSAR

Para tratar sobre a relação de consumo e cidadania, Canclini relembra a dependência socioeconômica da América Latina com a Europa após os processos de colonização e ressalta como no século XX esse vínculo foi transferido e concentrado aos Estados Unidos. Uma passagem da origem latino-europeia para latino norte-americana, com a intensificação de relações econômicas e culturais de valorização do consumo.

Mesmo que essa ligação com os Estados Unidos já seja na sociedade contemporânea apenas um resíduo de práticas sociais, Canclini destaca como a própria história dos países da América Latina, marcada pelo cancelamento de organismos de representação da cidadania - principalmente em anos de ditadura política, reduziu as sociedades civis latinas a meros conjuntos de consumidores.

Concepção classificada pelo filósofo como insuficiente, uma vez que exclui os processos de hibridação e não explica as atuais transformações da sociedade em meio ao contexto de globalização e multiculturalidade. Canclini reconhece que muitas vezes a participação social é mais organizada por meio do consumo privado de bens, do que propriamente em ações abstratas de democracia que definam o exercício da cidadania.

Entretanto, ressalta que a noção política de cidadania pode ser expandida ao incluir direitos, como o de educação, saúde, na apropriação de outros bens em processos de consumo e não como simples cenário de gastos inúteis. Canclini leva ao reconhecimento de que, ao se consumir, também se pensa, se reelabora o sentido social e constitui uma nova maneira de ser cidadão. Ao consumir, é eleito o que se considera valioso. O autor lembra ainda que a oferta de bens e a indução publicitária de compras, por mais que exerçam grande influência, não são arbitrárias.

Em continuidade a esse pensamento, Canclini recorre ao questionamento se existe o que é “próprio” em cenário de globalização. A noção de nacionalismo, esforço em se identificar com a nação, e a conotação política de estar contente com o que se tem – firmada principalmente nos anos 60 e 70 – são limitadoras. O autor comenta sobre processos de montagem multinacional, em que com a globalização, “os objetos perdem a relação de fidelidade com os territórios originários” (CANCLINI, 1999, p.41).

A partir disso, aponta duas razões para o descontentamento que a globalização traz para a sociedade contemporânea, mesmo com todos seus aspectos positivos de universalidade. A primeira é que tudo o que possuímos, no sentido de consumo, torna-se a cada momento fugaz, obsoleto. Na visão de Canclini, as próprias “decisões políticas e econômicas são tomadas em função das seduções imediatistas de consumo” (CANCLINI, 1999, p.42).

A segunda razão é que a globalização, mesmo que relativamente, faz com que as carências sejam multiplicadas, uma vez que o modo neoliberal da globalização exclui, por exemplo, quem não tem acesso às novas tecnologias e também implica a valorização do reduzir: redução de custos, empregos etc.

Sobre essa percepção de distinção entre grupos, o sociólogo espanhol Manuel Castells acredita que consumir é praticamente participar de um cenário de disputas. “O consumo é um lugar onde os conflitos entre classes, originados pela desigual participação na estrutura produtiva, ganham continuidade em relação à distribuição e à apropriação dos bens” (CASTELLS, 1974 apud CANCLINI, 1999, p.68).

No confronto de sociedades é possível perceber que os bens de consumo exercem muitas funções e a mercantil é apenas uma delas. Exemplos são “as máscaras feitas por indígenas para uma cerimônia, logo vendidas a um consumidor moderno e finalmente instaladas em apartamentos urbanos ou museus, onde se esquece seu valor econômico” (CANCLINI, 1999, p.91).

Diante dessas concepções, o sociólogo Jean Baudrillard define que o consumo não pode ser definido nem pela sua capacidade de absorção, nem como uma mera satisfação de necessidades: “É

preciso que fique claramente estabelecido desde o início que o consumo é um modo ativo de relação (não apenas com os objetos, mas com a coletividade e com o mundo), um modo de atividade sistemática e de resposta global no qual se funda nosso sistema cultural” (BAUDRILLARD, 1993, p. 206).

Como proposta para essas discussões, Canclini acredita que as visões de consumo e de cidadania poderiam mudar se as duas noções fossem estudadas em conjunto, como processos culturais. Mais do que isso, poderiam ser alteradas se fosse trabalhadas, também em união, com conceitos da antropologia, comunicação, sociologia entre outras ciências, e de forma a enxergar a diversidade e o multiculturalismo.

3 CIDADES GLOBALIZADAS

A influência norte-americana na América Latina, de acordo com Canclini, levou a perda da importância da cidade em sua concepção europeia, como núcleo cívico, acadêmico, artístico, para uma relação de itinerários desurbanizados. A realidade das megas cidades latinas são de desenvolvimento desigual e políticas urbanas insuficientes. As cidades são comparadas a um videoclipe: formadas por montagens de imagens descontínuas.

Nesse sentido, Canclini questiona se é possível falar de vida urbana em megalópoles, uma vez que práticas sociais e culturais são cada vez mais percebidas como desterritorializadas e há uma notável reordenação da cidade para formar sistemas transnacionais de informação, comunicação, comércio, turismo, entre outros setores.

Para tentar responder a esse questionamento, o filósofo aponta, como prova dessa reordenação, o cenário em que, nas últimas décadas, o centro histórico das megas cidades tem perdido habitantes, enquanto as periferias desconectadas são o que compõe e caracterizam o conjunto urbano.

Outra prova, é que em estudo com participação do autor, realizado em um festival cultural na Cidade do México em 1990, foi assinalado que não existe um único público homogêneo de cultura nas cidades, pois estas são, na realidade, compostas por multiculturalismo.

Uma análise de Canclini (1999, p.107) sobre esse tema é de que a concepção de cidade em si “existe mais para o governo e para imprensa do que para os cidadãos”. Para o autor, em meio à desorganização das grandes cidades, quando há necessidade de exercer o direito à cidade, busca-se a formação de agrupamentos setoriais. Isso ocorre principalmente frente à crise de formas partidárias de representações políticas.

Citados por Canclini, os autores Guillermo de la Peña e Renê de la Torre corroboram com essa ideia e consideram que “as modalidades de amparo, as famílias, as igrejas, os caudilhos políticos, hegemonomizam a formação das identidades e o exercício da cidadania” (PEÑA; TORRE apud CANCLINI, 1999, p.108-109). De forma geral, a maioria da população se recolhe e quer esquecer o macrourbano.

A estudiosa em Comunicação, Raquel Paiva também dialoga com Canclini na perspectiva da necessidade da formação de comunidades nas grandes cidades. Para ela “um dos propósitos básicos do ideal de comunidade é que nela o indivíduo encontra-se ligado, em relação. Deixa de ser aquele ser sozinho que a sociedade industrial produziu” (PAIVA, 2003, p.84).

Ainda de acordo com Paiva, integrar uma comunidade é estar ligado por um espírito comum e não apenas uma comunhão espacial ou física. De acordo com a autora:

É preciso destacar o papel fundamental agregador da identificação quando se trata de analisar o grupamento humano. Em se tratando de comunidade, o nível de relevância é determinante. E se na comunidade a identificação se pauta principalmente por afetividade e proximidade, uma sociedade, quanto mais inserida na produção abstrata das relações e das intermediações com o real, cria recursos maiores e mais eficientes para substituir os ingredientes tradicionais de identificação (PAIVA, 2003, p. 72).

Diante dessa perspectiva, é preciso uma reconceitualização das grandes cidades, levando-se em consideração, nos estudos urbanos, também as formas de exclusão de um cenário de globalização. Com olhar antropológico, Canclini alerta:

Os problemas atuais de uma antropologia urbana não consistem apenas em entender como as pessoas conciliam a velocidade da cidade globalizada (que em uma grande cidade costuma tornar-se vertiginosa e atordoante) com ritmo lento do próprio território. Nossa tarefa é também explicar como a aparentemente maior comunicação e racionalidade da globalização suscita novas formas de racismo e exclusão (CANCLINI, 1999, p. 114)

Nesse sentido, as cidades latino-americanas requerem ao mesmo tempo mais descentralização e mais planejamento. Requerem que processos antagônicos sejam vistos como complementares para entender o que ocorre na grande cidade. A crítica é que a mancha urbana cresceu num ritmo muito maior do que ferramentas culturais públicas.

Por isso, a posição de Canclini é de que os estudos urbanos e culturais devem levar em conta convergências e diferenças. Daí a aposta no que o autor chama de Cidadania Cultural, em que “ser cidadão não tem a ver apenas com direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território, mas também com práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento [...]” (CANCLINI, 1999, p.46).

4 A MÍDIA EM SOCIEDADES GLOBALIZADAS

As tecnologias audiovisuais de comunicação trouxeram novas maneiras de se informar, de entender as comunidades, de exercer direitos. Alternativas que possibilitaram ao indivíduo recorrer, muitas vezes, aos veículos de comunicação para, como forma de mediação, conseguir o que as instituições cidadãs não proporcionam: serviços, justiça, reparações ou simples atenção.

Porém, Canclini alerta que no século XX os veículos de comunicação passaram a ser cada vez mais subordinados a critérios empresariais de lucro, o que refletiria diretamente na função social que a mídia poderia oferecer para sociedade. Ligados aos valores do mercado, os veículos de comunicação buscam cada vez mais audiência e menos responsabilidade funcional e social com telespectadores.

Essa ligação é ainda mais perceptível nos países latinos, segundo o autor. Pesquisa com a participação de Canclini, exposta em seu livro *Consumidores e Cidadãos – Conflitos Multiculturais da Globalização* (1999), revela, por exemplo que nos países latinos americanos transmitem-se em média mais de 500 mil horas anuais de televisão, enquanto na Europa são apenas 11 mil horas.

Essa forte influência de tecnologias de comunicação levou a outro dado pertinente de estudos de Canclini: a audiência da cultura a domicílio – em que os indivíduos preferem ficar em casa para acompanhar a programação oferecida pelo rádio, televisão, internet - tem crescido cada vez mais, enquanto a participação em instalações públicas, como em cinemas e teatros, ou em espaços micro sociais urbanos (café, centro comunitário, clube) tem decrescido.

5 REINVENÇÃO DA POLÍTICA

Em contexto de globalização, as identidades pós-modernas se revelam como transterritoriais e multilinguísticas e, por isso, Canclini acredita que é preciso que haja reformulação de políticas para que a sociedade latino-americana seja essencialmente tratada dessa maneira. A proposta é que a visão moderna de identidade, tratada como territorial e quase sempre monolinguísticas, seja então substituída.

Nesse sentido, o autor observa que nas cidades globais, os governantes são tratados como personalidades distantes, enquanto os movimentos populares são vistos como algo próximo. Os moradores, isolados em periferias, pouco se sujeitam aos problemas gerais da cidade, em macroquestões. Para movimentos locais, a visão da cidade é de fragmentos. Por isso, a dificuldade de se falar em identidade homogênea nas grandes centros urbanos.

Na perspectiva de Canclini, os representantes do poder público, ao invés de atentar-se para essa segmentação, estão preocupados em se transformar em ícones de comunicação de massa, em aparecer proativos para a população. Poucos buscam realmente executar ações que visem à viabilidade do exercício da cidadania. A maioria deixa de lado o entendimento das políticas multissetoriais.

Sarlo é uma das estudiosas que corrobora com Canclini e que discorre sobre esse posicionamento dos políticos:

Nada de discursos ‘intelectuais’, nem de confrontos diretos, imprevisíveis, com as tensões sociais. Nesta etapa pós-política, em que se age como não se houvesse luta, tem-se a impressão que não é necessário negociar; apenas se fotografa, se filma, se televisa e se consome essas imagens (SARLO, 1995, p.311).

Ainda no âmbito do poder público, uma das preocupações de Canclini é com a formulação de políticas culturais. Com abordagem à diversidade das cidades latinas, seriam estas as ferramentas para dar coesão aos grupos múltiplos dispersos. Com o objetivo de proporcionar cidadania, as políticas deveriam ser adaptadas a cada região, de acordo com características econômicas e sociais específicas.

Nesse aspecto, Canclini abre um parêntese ressaltando que as políticas culturais efetivas não seriam aquelas que oferecem espetáculos ou maneiras da informação chegar à maioria, mas sim aquelas que levem em consideração a diversidade das necessidades da população e suas demandas. Ao mesmo tempo, as políticas que preservam tradições locais e mantêm perfis históricos também poderiam contribuir para cultivar a responsabilidade cidadã.

Na América Latina, a necessidade da elaboração de políticas culturais efetivas é bem exemplificada por Canclini pela crise dos cinemas nacionais. A realidade contemporânea é de desamparo financeiro e legal, inclusive com o desaparecimento de instituições que promovam a produção de filmes nacionais.

No Brasil, o autor relembra o caso da Embrafilme, empresa estatal criada em 1969 com a função de fomentar a produção e distribuição de filmes brasileiros, mas que foi extinta 21 anos depois. Após esta data, não houve criação de um órgão que substituisse as funções da Embrafilme. Para Canclini, a tendência é que a produção cultural, de forma em geral, continue caindo se as políticas culturais não conhecerem a relevância para sociedade dos meios de comunicação.

Tratando-se sobre novas tecnologias audiovisuais, a sugestão do autor é que haja uma articulação entre os serviços públicos e os interesses privados. Os meios eletrônicos de comunicação não devem depender totalmente dos poderes de Estado, mas também não devem ficar expostas à competição de mercados. Essa tentativa envolve também o reposicionamento da indústria cultural numa política multimídia.

Canclini reconhece que não é fácil lidar com os interesses públicos e artísticos diante da influência de empresários audiovisuais que visa somente ao lucro. “Para reverter essa situação é indispensável, mas uma vez, que os Estados latino-americanos assumam o interesse público e regulem a ação empresarial” (CANCLINI, 1999, p.195).

Para que de forma realista essa ação adentre as negociações políticas, a participação de artistas, produtores, consumidores de cultura em geral seria fundamental frente a uma mobilização que chame a atenção de representantes públicos. E isso seria, para Canclini, também uma forma da população produzir e se eleger como cidadã.

Ocorre-me que a nossa primeira responsabilidade é resgatar estas tarefas propriamente culturais de sua dissolução no mercado ou na política: repensar o real e o possível, distinguir entre a globalização e a modernização coletiva, reconstruir, a partir da sociedade civil e do Estado, um multiculturalismo democrático (CANCLINI, 1999, p.289).

A partir dessas exposições, o autor propõe refazer o papel do Estado e da sociedade civil, não como conjuntos separados, mas considerando sua convergência. O acesso às modalidades de comunicação deveria estar no planejamento dessas duas esferas. Esta seria uma das condições, segundo Canclini, para desenvolver formas democráticas de cidadania, ligadas aos processos de integração global e regional.

Mais do que isso, o ideal seria que fossem estabelecidas condições para expansão de veículos de comunicação sujeitos mais ao interesse público do que à rentabilidade que o mercado possa proporcionar. O novo papel, tanto do Estado, quanto de uma sociedade civil atuante, seria reconstruir uma esfera pública em que diferentes agentes possam negociar formulações que atendam aos interesses públicos.

CONCLUSÃO

Néstor García Canclini é dos mais relevantes teóricos que transfere seus olhares para o contexto comunicacional da América Latina e enxerga formas de exercício da cidadania, a partir da aplicação de políticas que compreendam a complexidade cultural em que os países latino-americanos estão inseridos.

O estudioso argentino reforça em seus estudos o que denomina como hibridação cultural e consegue visualizar conflitos e fusões entre as tradições que tentam coexistir com as práticas da modernidade. A utilização de abordagens interdisciplinares seria a principal forma de acompanhar esse cenário intercultural da América Latina, com o aproveitamento de estudos que levem em consideração a cultura em âmbito pós-moderno.

Os processos de globalização e sua influência na sociedade latino-americana também são peças fundamentais para perceber como a cidadania pode ser encontrada nas obras de Canclini em formas heterogêneas de pertencimento. Estas que muitas vezes estão entrelaçadas com o consumo. Mas não ao consumo supérfluo, e sim àquele que serve para pensar e reelaborar o sentido social.

A noção de cidadania também pode ser encontrada nos estudos de Canclini, a partir da análise de que os veículos de comunicação que proporcionam difusão de informação e entretenimento. Mesmo diante forte influências mercadológicas, estariam eles entre os responsáveis pela criação de vínculos que trariam sentido de pertencimento à população, ao cidadão.

Para uma reestruturação política, a sugestão do autor é de abandono do termo homogeneização para apreensão do processo de convergência dos hábitos culturais com a preservação entre as diferenças. Entre os desafios para repensar a noção de identidade e cidadania, estaria o estudo das relações de ruptura e hibridação entre sistemas regionais e globais, a partir do desenvolvimento cultural dos países latino-americanos.

Em síntese, no mundo pós-moderno, a globalização é uma necessidade que pode ser expressa pelo exercício da cidadania, mas como aponta Canclini, há diferentes maneira de ser um

cidadão global. Nesse sentido, tanto o Estado, como a sociedade civil, precisam pensar em uma reformulação estrutural que dê prioridade aos interesses públicos.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: Conflitos multiculturais da globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

CANCLINI, Néstor García. **Leitores, espectadores e internauta**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

CARVALHO, José Jorge de. **O lugar da cultura tradicional na sociedade moderna**. Brasília, Fundação Universidade de Brasília, série Antropologia, n. 77, 1989.

CASTELLS, Manuel. **La cuestión urbana**. México: Siglo XXI, 1974.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

PAIVA, R. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, Mauad, 2003.

SARLO, Beatriz. **Estética e pós-política: Partir Fujimori para a Guerra do Golfo**, em *O Debate Pós-modernismo na América Latina*, editado por John Beverley e José Oviedo. Duke University Press, 1995, p.309-324.